



MULHERES RURAIS: PARTICIPAÇÕES NAS UNIDADES DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA FAMILIAR

JOSIANE DUARTE DE CARVALHO¹; LÉO OMAR DUARTE MARQUES²; MÁRIO CONILL GOMES³

¹Universidade Federal de Pelotas – josianedc@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leodmq@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – mconill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A figura da mulher está ligada a agricultura desde os primórdios da humanidade, na qual no período pré-histórico a mulher era responsável pela produção de alimentos através da agricultura, enquanto que o homem se responsabilizava pela caça e pesca (LOVATTO et al., 2010). Com o surgimento do arado e a necessidade do uso de animais e força para o manuseio, a mulher acabou perdendo espaço, enquanto que o homem ganhou maior importância (LOVATTO et al., 2010).

Na década de 80 iniciou-se uma elevação na participação de mulheres em sindicatos, e então começou o surgimento de maior reconhecimento e destaque das mulheres (SYDLOSKI, 2015). De acordo com AGUIAR (2016), os movimentos sindicais de produtoras rurais proporcionaram progressos em questões como diminuição de desigualdades entre gêneros e debates a respeito da importância da mulher tanto dentro da unidade de produção familiar (UPF) quanto fora desta.

O presente estudo busca identificar como as produtoras familiares veem sua participação nas tomadas de decisões dentro das UPF's.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado no estado do Rio Grande do Sul, na qual abrangeu 9 municípios, sendo eles: Arroio do Padre, Boqueirão do Leão, Camaquã, Canguçu, Capão do Leão, Pedras Altas, Pelotas, Santa Vitória do Palmar e São Lourenço do Sul. A escolha das produtoras rurais para a realização do trabalho se deu em virtude de estas trabalharem com culturas e atividades importantes para a agricultura familiar no Rio Grande do Sul. Desta forma, foram entrevistadas 16 produtoras rurais familiares, na qual 43,75% trabalhavam como fumicultoras, 37,50% com produção de bovinos de leite e 18,75% com comercialização de bovinos de corte.

A formulação do questionário e a obtenção dos dados se deu em maio e junho de 2021, na qual a coleta de informações foi feita de forma presencial e via telefone de forma estruturada. Os itens abordados na entrevista contemplaram o perfil da produtora familiar, sua participação dentro da UPF e a visão destas produtoras sobre determinados pontos, porém, neste trabalho serão apresentados apenas alguns dados preliminares do estudo.

Os dados alcançados através do questionário estruturado, foram tabulados e organizados em gráficos indicando o porcentual de cada resposta obtida.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



Da totalidade de entrevistadas, 19% continham entre 20 e 30 anos, 19% apresentavam de 31 a 40 anos, 19% de 41 a 50 anos, 12% entre 51 e 60 anos e 31% possuíam mais de 60 anos de idade. Em relação ao tamanho das propriedades, 12% das entrevistadas possuíam propriedade inferior a 5 ha, 25% possuíam de 5,0 a 9,9 ha, 19% continham de 10,0 a 14,9 ha, 6% tinham de 15,0 a 19,9 ha e 38% dispunham de 20,0 ha ou mais de propriedade.

Através da aplicação do questionário, foi constatado que 81% das produtoras cresceram no meio rural, 13% das produtoras cresceram em sistema misto, ou seja, convivendo tanto com o meio rural quanto com o meio urbano, enquanto que apenas 6% das produtoras cresceram no meio urbano (Figura 1).

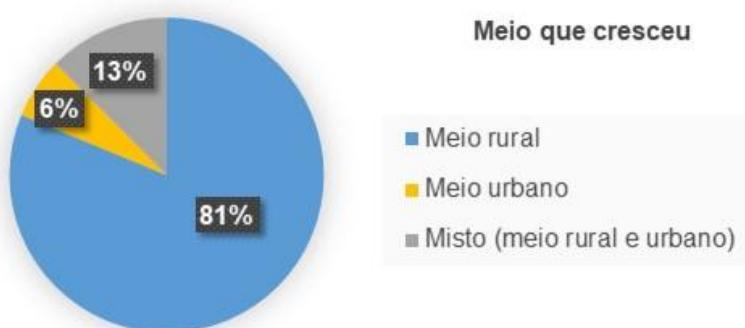


Figura 1. Respostas referentes ao meio em que as produtoras cresceram.

Foi demonstrado neste estudo, que o maior porcentual de entrevistadas corresponde a produtoras que passaram toda a vida no meio rural sendo que a agricultura e a pecuária foram atividades passadas através das gerações.

Inegavelmente, exercer atividades no meio rural ou mesmo permanecer em tal meio é algo que muda constantemente com o tempo (SOROKIN et al., 1986). No entanto, embora o trabalho no meio agrícola seja algo amplo na qual todas as origens de público podem fazer parte, trabalhos apontam que de forma geral, a execução de tais atividades agrícolas é realizada majoritariamente por pessoas provenientes do meio rural (SILVESTRO et al., 2001).

Na Figura 2 é mostrado o porcentual das respostas das entrevistadas quanto a participação nas tomadas de decisões dentro da UPF. Observa-se que a grande maioria destas exercem muito alto ou alto grau de participação nas tomadas de decisões, sendo 38 e 31% respectivamente, além disso, 25% das produtoras desempenham média participação nas decisões e 6% consideram que sua participação é muito baixa.



Figura 2. Respostas referentes a participação das produtoras nas tomadas de decisões dentro da UPF.

Famílias tradicionais e conservadoras têm passado pelo desafio de adaptação ao maior empoderamento feminino que vem ocorrendo nos últimos



tempos. O aumento deste empoderamento traz consigo maior espaço para as mulheres no meio rural, despojando a concepção de que cargos importantes devem pertencer apenas ao homem (DEERE; LEÓN, 2001).

Sobre o grau de satisfação nas tomadas de decisões dentro da UPF, a grande maioria das entrevistadas se diz satisfeita (94%), enquanto que 6% se sente um pouco satisfeita e a opção de não satisfação não foi mencionada (Figura 3).



Figura 3. Respostas referentes a satisfação das entrevistadas quanto ao grau participação nas tomadas de decisões dentro da UPF.

Estes resultados indicam uma renovação no cenário rural, demonstrando uma elevação no empoderamento de mulheres do meio agrícola e com isso, uma elevação na participação das mesmas em relação a aspectos importantes, como o gerenciamento da UPF. Este aumento do empoderamento das mulheres, possibilita que as mesmas participem de todos os setores, acarretando em obtenção de bens significativos, como a igualdade e bem-estar (GOMES et al., 2016).

Quando questionadas, a maior parte das entrevistadas se diz capaz de gerenciar a UPF (75%), enquanto que apenas 25% das produtoras não se sentem capazes de realizar tal tarefa (Figura 4).



Figura 4. Respostas das entrevistadas referentes a capacidade de gerenciamento da UPF.

Estes dados encontrados, indicam que as produtoras rurais entrevistadas em sua maior parte se sentem autoconfiantes e com isso, capazes de gerir a UPF. Os autores SILVA; SCHNEIDER (2010) afirmam que em estudos voltados a agricultura familiar, a produtora rural é tratada como uma profissional não remunerada, não sendo valorizada e existindo grande contraste entre gêneros no meio rural. No entanto, AMORIM et al. (2010), relatam que a elevação do empoderamento feminino no meio rural, se deu em virtude da participação de mulheres rurais em movimentos sindicais e sociais. Essa autoconfiança e empoderamento, pode ser notado na maioria das entrevistadas, ou seja, estas mulheres produtoras não se sentem apenas como parte do cenário, mas sim, como



figuras importantes na UPF, sendo assim capazes de assumir o controle da propriedade.

4. CONCLUSÕES

Nota-se através deste estudo, que a maioria das mulheres entrevistadas desempenham alto ou muito alto grau de participação nas tomadas de decisões dentro da UPF, e com isso a grande maioria destas produtoras estão satisfeitas com seu grau de participação, além disso, a maioria das entrevistadas de sentem capazes de gerenciar a propriedade. Desta forma, através dos dados apresentados, pode se dizer que o meio rural vem sofrendo mudanças em seu cenário, passando a oferecer maior espaço as mulheres na tomada de decisão nas UPF's.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, V. V. P. Mulheres rurais, movimento social e participação: reflexões a partir da Marcha das Margaridas. **Política & Sociedade**, v. 15, p. 261–295-261–295, 2016.

AMORIM, É. O.; EUCLIDES, M. S.; BARDUNI FILHO, J.; FIUZA, A. L. C. Sindicalizadas rurais e ativistas Políticas: fatores de empoderamento da mulher no meio rural? In: **VIII Congresso Latino americano de Sociologia Rural**, Recife. América Latina: realineamientos políticos y proyectos en disputa, 2010.

DEERE, C. D.; LEÓN, M. **Empowering women: land and property rights in Latin America**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2001.

GOMES, K. A. S.; LUNAS, D. A. L.; CARDOSO JÚNIOR, H. M. Empoderamento da mulher rural no território do sudoeste de Goiás. In: **Anais do III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG**, Pirenópolis, GO. p. 1-10. 2016.

LOVATTO, P.; CRUZ, P. P.; MAUCH, C. R.; BEZERRA, A. A. Gênero, sustentabilidade e desenvolvimento: uma análise sobre o papel da mulher na agricultura familiar de base ecológica. **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 15, n. 2, p. 191-212, 2010.

SILVA, C. B. C.; SCHNEIDER, S. Gênero, trabalho rural e pluriatividade. **Gênero e geração em contextos rurais**, p. 183-208, 2010.

SILVESTRO, M. L.; MELLO, M. A.; DORIGON, C.; BALDISSERA, I. T. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri, 2001.

SOROKIN, P. A.; ZIMMERMAN, C. C.; GALPIN, C. J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: Hucitec, p. 198-224, 1986.

ZYDLOSKI, A. C. A presença das mulheres rurais no movimento sindical em Frederico Westphalen. **Cenários associativos do Alto Uruguai**, p. 103, 2015.